

O falo e a falta

Notas sobre redesignações sexuais, intervenções hormonais e dores sem sujeito

Leda Tenório da Motta

Resumo Na era das faloplastias, coquetéis de hormônios e próteses de silicone, torna-se atual a nota de Freud, numa de suas Contribuições à psicologia do amor, sobre a anatomia como destino. De fato, se a equação freudiana reconhece a força da natureza, que nos faz nascer homem, mulher ou, havendo erro genético, hermafrodita, para então sonhar uma personalidade psíquica, sem que o falo seja privilégio do masculino, nem a falta do feminino, cabe repensar a frase que os ativismos transsexuais passaram a formular, como inocentemente: “Eu nasci assim”. A fórmula reverte o construído em falsa naturalidade. Trata-se aqui de ressaltar que tais procedimentos, atravessados por tecnologias fármaco-médicas, alinham-se a certas filosofias pós, erguidas contra a metafísica da natureza, que ao mesmo tempo repelem o *tecnôgênero* mas integram o *farmacopoder*. Enquanto teorias de gênero, talvez mais sutis, assinalam que nascemos homem ou mulher e só então nos tornamos tais, ou não. “Nascemos mulher, mas eu me torno mulher”: assim, enquanto psicanalista, Julia Kristeva repõe a complicação beauvoiriana.

Palavras-chave transexualidade; diversidade sexual; sistema sexo-gênero; Kristeva.

Leda Tenório da Motta é professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, pesquisadora do CNPq 1 e do Reseau International de Recherche Roland Barthes, crítica literária e tradutora. Verteu para o português os livros de Julia Kristeva *No princípio era o amor, Psicanálise e fé* (Brasiliense, 1987) e *Histórias de amor* (Paz e Terra, 1988). Dedicou um capítulo à autora no livro *Lições de literatura francesa* (Imago, 1997) e assinou sua apresentação para a tradução brasileira de *Beauvoir presente* pelas Edições Sesc.

1 J. Kristeva, *Beauvoir Presente*, p. 77-78.

O homem, é certo, pode fazer tudo o que quer, mas não pode querer o que quer.
Albert Einstein, citando Schopenhauer em *Como vejo o mundo*

“Não se nasce mulher, se devém”, afirmava Simone de Beauvoir, em boa tradução vernácula, no capítulo “Infância” do segundo volume de *O segundo sexo*, subtintulado “A experiência vivida”. Até porque, em sua perseguição aos traços filosóficos ancestrais da cultura misógina – o livro abre com uma interpelação a Freud, que, tal como os filósofos gregos, teria tomado sistematicamente a mulher no negativo, neste caso pela falta fálica –, o *cogito* beauvoiriano parece entrar em tensão com a sentença freudiana segundo a qual “a anatomia é o destino”. Na verdade, como repara Julia Kristeva – hoje a guardiã do legado beauvoiriano no mundo –, nem a filósofa persiste na animosidade contra Freud, admitindo, no “Balanço Final” do livro, que seu ponto de vista sobre o sexo é aquele psicanalítico, conforme o qual “o sexo é o corpo vivido pelo sujeito”; nem o *tornar-se mulher* desmente a psicanálise. Pois que – sublinha a autora de *Beauvoir Presente*, citando a antecessora –, nesta tomada existencialista da questão do gênero, “não é a natureza que define a mulher, é ela que se define ao reencontrar a natureza em sua afetividade”. Daí esta reformulação de Beauvoir por uma Kristeva mais cisgênero que a companheira de Sartre e Nelson Algren, protagonista de amores lésbicos hoje bem sabidos: “Nascemos mulher, mas eu me torno mulher”¹. Nesse caso, ela está pensando no renascimento do sujeito capaz da “perlaboração”, para Freud a superação de suas resistências ao psicanalista que lhe acena com o inconsciente.



“trataremos de mostrar
como a realidade feminina
foi constituída, por que a mulher
é definida como o Outro”

44

PERCURSO 68 : junho de 2022

Se há algo que distingue esse feminismo francês, em sua expressão freudiana, é a parte que concede ao devir, ou “*devenir*”. Isto é, sua capacidade de abranger, ainda que por um minuto, a anterioridade de uma natureza sexual, tal como inclusa no “nascemos”, mesmo quando formulado no negativo “não se nasce”. De vez que não é da mulher mas daquilo que lhe é imposto de fora que Beauvoir está falando. “Trataremos de mostrar como a *realidade feminina* foi constituída, por que a mulher é definida como o Outro”, diz a introdução de *O segundo sexo*². De fato, se Kristeva reconhece com Beauvoir que, por si só, a fisiologia não explica a condição feminina, que não é “secretada pelos ovários” e não está fixada “no fundo de um céu platônico”, como também lemos na abertura do livro³, nem por isso deixa de se debruçar, notadamente em *Poderes do horror* (1980), sobre as marcas de uma realidade de que não se poderia dizer que é simbólica. Nem internas nem externas, dimensão extremamente limítrofe de um dentro e fora, essas marcas vêm assombrar o ser humano, como um horror indizível mas bem concreto, que irrompe como “abjeto” ou “abjeção”. O conceito refere-se a fatos deparados pelo sujeito que têm o poder de desencadear nele um estranho frêmito, uma convulsão, uma náusea, em face de certos acenos do abominável, do imundo, do cloacal, do repulsivo. São os “poderes do horror”, que o revolvem e ameaçam. Entra aí o efeito que certos alimentos, de resto algumas vezes proibidos pelas religiões, têm o poder de provocar em

nós. Por exemplo, a nata do leite, quando essa pele aparentemente inofensiva na superfície do líquido branco dispara uma repulsa que, no limite, é do corpo da mãe, enquanto objeto barrado⁴. Para Kristeva, o que isso desvela é que, em situações tais, se chegou muito perto de um resto de real.

Interessada numa releitura feminizante da psicanálise, que vai levá-la à afirmação de uma outra instância de linguagem, pré-verbal e pré-lógica, não ordenadora como o *logos* que introduz a proibição do incesto, e inseparavelmente o direito, o credo, a civilização, porém disfuncional e balbuciante, como é a comunicação no corpo a corpo da mãe com o bebê, Kristeva observa que Freud esbarrou em toda essa margem do não sentido, mas a evitou. Fazer avançar a Psicanálise, pondera, seria adentrar essas coisas revulsivas contra as quais nos chocamos, até o desfalecimento. É próprio desta e de outras recentes teorias *queer*, ao livrar-se das prevenções antipsicanálise das primeiras teorias de gênero, que reputaram Freud misógino, propor sua ressignificação. Contudo, sabe-se que, assim como considerou o mais cruamente o horror igualmente bem palpável dos fluxos de sangue da defloração e da menstruação da mulher, reencontrando-o nos ritos de casamento de certas tribos de aborígenes australianas, bem descritas nesta sua outra Contribuição à psicologia do amor que é *O tabu da virgindade*, onde o estende aos entraves de toda conjugalidade, Freud nos vê, como símios superiores que somos, presos num complexo histórico-biológico que nos faz, ao mesmo tempo, culturais e naturais. Para a ciência do inconsciente, somos uma variedade da vida na terra posta entre a construção civilizatória e as necessidades instintivas, já não mais suscetíveis de serem atendidas como tais, desde que linguagem há.

Assim, há sempre uma facticidade a considerar, no começo do começo da experiência da espécie humana, um fundo indiciário, que resiste. Eis por que, na arqueologia freudiana, mesmo que as instâncias culturais dominem as naturais, e os traços de comportamento da família biológica desapareçam debaixo da estrutura simbólica dos clãs,

para Freud, certa parte do corpo humano conserva um “caráter animal”. E não qualquer parte, porém aquela a que se liga o sexo e, se o sexo tiver a ver com isto, ao gênero e ao amor: os genitais. Assim, não por acaso, é ainda no conjunto de textos em torno do amor e do inconsciente do casal, o primeiro da trilogia, intitulado “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, que ele vem a campo sublinhá-lo, a propósito da conformação de nossos órgãos sexuais, notando, não somente, que “não participaram do desenvolvimento do corpo humano visando à beleza” mas, em sua essência, “permaneceram “animais”. Eis o que, no mesmo ensaio, é estendido ao próprio plano do encontro amoroso. Assim como a genitália humana – posicionada “*inter urinas et faecis*” – é não bela, escreve, acontece que “o amor permanece animal como sempre foi”. Ele associa a isso os desencontros amorosos de que tratam esses formidáveis escritos do decênio de 1910, vendo o homem sempre dividido entre o erótico e o incorpóreo, ou entre a sensualidade e a ternura, de vez que “os instintos do amor são difíceis de educar” e que “aquilo que a civilização pretende fazer deles é impossível”⁵. Claro que a histeria feminina tem parte com essa organização.

Há uma interessante confirmação dessa aliança entre *biós* e *sôma* no ensaio “O interesse biológico da psicanálise” lançado no volume XIII das Obras Completas da Standard Brasileira, o mesmo em que está *Totem e tabu*. Aí Freud escreveu que “Sob muitos aspectos, a psicanálise atua como intermediária entre a biologia e a psicologia”⁶. Por outro lado, em sua rigorosa revisão do vocabulário de Freud, observando que *Trieb* é o mais central dos termos psicanalíticos, Paulo Cesar Souza cita o mesmo Freud quando a admitir que “*Trieb* é um conceito-limite entre o somático

2 S. Beauvoir, *O segundo sexo*, p. 72.

3 S. Beauvoir, *op. cit.*, p. 13, 36.

4 J. Kristeva, *Poderes do horror*, p. 10.

5 S. Freud, “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, p. 195.

6 S. Freud, “O interesse biológico da psicanálise”, p. 181.

7 P.C. Souza, *As palavras de Freud. O vocabulário freudiano e suas versões*, p. 244.

»

*de um lado, o macho,
que afirma sobre a fêmea
e os congêneres sua dominação
no coito. De outro, a fêmea,
dominada pelo macho e absorvida
pelo trabalho da reprodução.*

e o psíquico [...] o representante psíquico dos estímulos oriundos do corpo e que atingem a alma”. Por seu turno, ele corrige a tendência senso comum de se ver somente o pulsional no conceito, quando sua abrangência é maior, as acepções possíveis indo do “ímpeto” e do “impulso” ao que denominamos “broto” de “brotar” em botânica. Em face dessa maior complicação, põe em dúvida a ruptura absoluta que fazem entre pulsão e instinto, entre outros, os acatados Laplanche e Pontalis, desmerecendo a letra do texto freudiana, e aponta mais passagens de Freud que atestam um complexo imbricamento do que seria biológico e filogenético, de um lado, e psicológico e individual, de outro, ou o “humano-simbólico”, em que repousa toda a originalidade de Freud⁷. Ele o faz como quem pergunta: afinal, não é nisso que reside o mal-estar civilizatório?

O animal tampouco escapa a Beauvoir, que vê os dois sexos representando dois aspectos diversos da lei da procriação, inclusive hormonalmente. De um lado, o macho, que afirma sobre a fêmea e os congêneres sua dominação no coito. De outro, a fêmea, dominada pelo macho e absorvida pelo trabalho da reprodução. Nessas condições, o “*on ne naît pas femme*” é réplica à continuação cultural dessa maneira de ser dos corpos sexuais, em sua conexão inevitável com o fisiológico. É chamada à obra de cada mulher no sentido de fazer de si alguma coisa diferente daquela que lhe impõem a ovulação e a continuação da espécie. Kristeva lembra, a respeito, esta frase das



Butler consagra o mais extenso capítulo de seu livro mais conhecido a uma contestação da matriz Beauvoir, entabulando um diálogo demolidor com Kristeva

46

PERCURSO 68 : junho de 2022

Memórias de uma moça bem comportada: “Eu mesma me criei de novo e justificarei minha existência”. E sublinha, juntamente com o peso da mudança de consciência implícita, e não obstante um certo olhar crítico para o sacrifício da feminidade e da maternidade nesse primeiro passo feminista, sua dívida para com Beauvoir: “Assumo plenamente a hipérbole de uma revolução antropológica para qualificar esse acontecimento único, Beauvoir presente, aqui e agora”. Pela primeira vez, admite ela, com Beauvoir, a percepção da questão da situação da mulher na cultura adquire caráter de asserção e convocação política⁸.

Não fossem homenagens do tipo à velha mestra da parte de uma *scholar* já bem instalada no topo da universidade francesa quando leva a peito reescrever *Os mandarins*, de Beauvoir, como faz neste seu romance de formação dos anos 1980 que é *Os samurais*, *O segundo sexo* não teria o lugar que tem, no presente, no cômputo das últimas ondas feministas, mas estaria esquecido. Já que, tirante a atenção que lhe vota Kristeva, é a Michel Foucault, cuja escola dita estruturalista primou por deslocar a ênfase sartriana na existência do Homem para uma lógica dos Signos, que se ligam epistemologicamente outras novas teorias de gênero, de influência no plano das viradas teóricas acadêmicas e dos ativismos políticos milenais. E se é certo que estas últimas inclinam-se igualmente às operações radicais de desarme do paradigma próprias da filosofia da *différance* ou *diferença* de Jacques Derrida – nomenclatura com

que neste domínio se estabelece uma equivalência entre *diferenciar* e *diferir* os sentidos totalizantes, que só poderia convir ao questionamento do masculino fundido ao universal e do feminino como figuração do Outro –, é à *História da sexualidade* foucaultiana que mais apelam as mais expressivas derradeiras defesas das práticas livres do desejo, sem aceção de sexo ou gênero. Convém-lhes particularmente o que Foucault pensa do corpo humano, como historiador da sexualidade, quando postula esta hipótese por excelência estruturalista, anotada por uma Judith Butler em *Problemas de gênero*: “nada no homem, nem mesmo seu corpo, é suficientemente estável para servir como base para o autorreconhecimento ou para a compreensão dos outros homens”. Fato de que o filósofo depreende a “constância da inscrição cultural a atuar sobre o corpo como drama único”⁹. Por sua vez, a semiótica psicanalítica de Kristeva é aí rejeitada, como essencialista ou substancialista, quando lhe acontece de ser tomada em conta.

Efetivamente, é o que ressalta na obra de Butler, que consagra o mais extenso capítulo de seu livro mais conhecido a uma contestação da matriz Beauvoir, entabulando, indiretamente através da mestra, e diretamente via exame do texto da discípula, um diálogo demolidor com Kristeva. São aí analisados, além de *Poderes do horror*, clássicos de Kristeva como *A revolução da linguagem poética* e *Sol negro*. *Depressão e melancolia*, o segundo já pertencente à fase psicanalítica kristeviana, que desaguaria, nos anos 2000, nas incursões à feminidade de Hanna Arendt, Melanie Klein e Colette, no longo estudo *O gênio feminino*. De fato, entre outras estocadas, adverte Butler que os resultados subversivos da teoria das pulsões primárias de Kristeva – baseada numa semiótica da significância que leva a supor uma semiótica negativa ou uma não linguagem, equiparável à linguagem poética e cifra de um retorno ao corpo materno – não lhe parecem ser mais que uma “ruptura temporária e fútil da hegemonia da lei paterna”, entendida como imposição das discriminações linguísticas. Ela considera que, ao conjecturar que a linguagem poética é a

oportunidade linguística de as pulsões rompem as leis da linguagem, revelando sua plurivalência, Kristeva estaria erodindo o sujeito, que é ser falante que participa do Simbólico. Ademais, estaria aduzindo uma homossexualidade pré-discursiva¹⁰.

Ora, se semelhante divergência não deixa de conferir autoridade à interlocutora visada, tampouco deixa de encaminhar uma briga com a “psiquiatria colonial”, segundo uma nomenclatura característica destas outras zonas *queer*, que não poupa a psicanálise, em sua economia da falta. Está-se falando de circuitos do saber que são, em derradeira instância, franceses, mesmo que em ação longe de Paris, dada sua insistência nas revisões políticas da vigilância institucional sobre os sujeitos, ensejadas por tudo aquilo que o tratado foucaultiano tira dos sistemas de pensamento. É o que se pode concluir da intervenção de Butler, representante proeminente dessas fileiras, formada junto aos desconstrucionistas de Yale e hoje professora em Berkley, mas que evoca preponderantemente a genealogia de Foucault para tomar a diferença sexual como contrapartida da construção da sexualidade de modo historicamente específico. Não sem frisar que devemos a Foucault a reversão da tese de que o corte sexual é “causa” do sistema dos gêneros, em proveito de um entendimento das categorias genéricas como efeito das opressões culturais, notadamente jurídicas. São elas, ilustrativamente, que presidem ao processo rumoroso de Adelaïde Herculine Barbin, hermafrodita feminil oitocentista de gênero assentado como masculino, sobre cujo caso Foucault se debruçou, trazendo-o às páginas de seu livro, para atestar a ação dos poderes sobre os corpos. Nota Butler que a introdução de Foucault aos diários de Herculine Barbin só faz mostrar quanto a naturalização do sexo é produto do discurso

8 J. Kristeva, *op. cit.*, p. 11.

9 J. Butler, *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*, p. 225.

10 J. Butler, *op. cit.*, p. 144, 149.

11 J. Butler, *op. cit.*, p. 54.

12 S. Beauvoir, *O segundo sexo*, p. 194.

13 S. Beauvoir, *op. cit.*, p. 260, nota 21.

está-se falando de circuitos
do saber que são, em derradeira
instância, franceses, mesmo que
em ação longe de Paris, dada sua
insistência nas revisões políticas
da vigilância institucional
sobre os sujeitos

médico-legal. Assim acrescenta: “Segundo Foucault, Herculine não é categorizável no gênero binário”¹¹. A sua maneira, Beauvoir não terá dito outra coisa do hermafroditismo, de que trata na parte do tomo dois de *O segundo sexo* consagrada às lésbicas. “A anatomia e os hormônios não definem nunca mais que uma situação e não decidem sobre o objeto ao qual essa situação deve tender”¹², escreve. Ela cita o caso de um legionário polonês ferido na primeira guerra, que era na verdade uma moça com caracteres *viris* pronunciados, a ponto de conseguir passar de enfermeira a soldado, e de apaixonar-se nas trincheiras por outro soldado.

Contudo, Beauvoir – ou a dupla Beauvoir & Kristeva – incomoda os teóricos da contrasexualidade. A razão disso, no limite, é a disjunção ontológica radical entre corpo e consciência formulada por Sartre, herança de um cartesianismo revisto pela dialética hegeliana do Senhor e do Escravo, em *O ser e o nada*. É essa dialética que Beauvoir repercute, quando situa a mulher como o Outro. É ainda ela que monta Butler contra Kristeva, quando esta opõe a mente ao corpo feminino¹³.

Efetivamente, há em Butler uma prevenção de ordem filosófica contra Beauvoir, que, em seu entender, soube distinguir posições de gênero e sexualidade, e teve o mérito de perceber que o sexo não causa o gênero, que é adquirido, porém fixou-se equivocadamente num sexo imutável, para ela, Beauvoir, qualidade do humano. De resto, se ao longo do capítulo intitulado “Atos





do ângulo de Butler, a saída
de Monique Wittig é tão velha
quanto o humanismo,
porque joga com a ideia
de que o feminino pertence
à mulher, que o internaliza
em seus termos

48

PERCURSO 68 : junho de 2022

corporais subversivos”, Butler começa por isentar dessa pecha a também escritora e pensadora Monique Wittig, que ecoa o “Não se nasce mulher...”, em sua defesa do lesbianismo, fato é que a cumplicidade com este outro marco do feminino francês só abarca a maneira de Wittig sustentar que a lésbica não é uma mulher, mas um terceiro gênero, já capaz de transcender a oposição binária. Butler aprecia que Wittig argumente em *The lesbian body* que a sexualidade feminina é engendrada discursivamente, sendo exatamente isso o que ela própria pensa das performances de gênero, entendendo-as, por sua vez, como atuadas teatralmente. Isso posto, a remissão à grande dama, objeto de homenagens de um Paul Preciado, no Manifesto ConTrassexual, objetiva apenas reforçar as distâncias que toma do lema beauvoiriano. A digressão em torno desta outra precursora é só a cláusula retórica preliminar a uma crítica da sexualidade definida como sendo da ordem da natureza e como estando a serviço dos propósitos reprodutores, como em Beauvoir. Toda a afinidade cai por terra diante do pressuposto da pensadora, que vai ao encontro da tese beauvoiriana, de acordo com o qual existe uma realidade menos violenta que aquela afirmada pela linguagem, uma realidade ontológica última, esta unitária e essencial.

A crítica incide sobre a dimensão do sujeito absoluto. Para Wittig, a lésbica é esse sujeito. Sua “arma de guerra” é a linguagem da ficção ou, como em Beauvoir, este instrumento

de autoconhecimento e declaração subjetiva que é o romance, capaz de assentar, contra os discursos da hierarquia e da exclusão, uma universalidade verdadeira e inclusiva dos sujeitos. Ora, do ângulo de Butler, a saída é tão velha quanto o humanismo, porque joga com a ideia de que o feminino pertence à mulher, que o internaliza em seus termos. O que, em seu entender, resulta numa separação radical entre héteros e homos, que desconhece as complicações da própria heterossexualidade, com suas muitas posições normativas impossíveis de se incorporar, e o que beira a pureza. Assim, no fim das contas, para Butler, a teoria da heterossexualidade de Wittig é normativa e idealizante. Como em Beauvoir, ela será vista como crença na “verdade interna” do sexo, essa mesma que Foucault tão bem desconstruiu¹⁴.

Mais ácido é o julgamento que Butler dedica a Kristeva, nesse mesmo ponto do texto, entendendo, sempre com Foucault, a construção de fronteiras entre o interior e o exterior do sujeito, tal como formulada em *Poderes do horror*, como a própria consolidação das identidades culturalmente hegemônicas. Ao designar abjeções a que repudiamos epidermicamente – alerta –, Kristeva estabelece uma substância original do ser, coloca e estabiliza seu primeiro contorno. Conceitualmente, o abjeto kristeviano adentra profundezas ocultas. Fixa um estranho ou uma estranheza que funciona como divisa tênue para os mesmos fins de diferenciação e regulação dos tabus. Dota o corpo de alma. Recai na mesma linguagem da interioridade que Foucault questionou, vendo a alma como a prisão do corpo, na contramão do platonismo e do cristianismo, e falando na morte do Homem. E, mais que isso, localizando na estratégia do “vigiar e punir” não a repressão do desejo, mas a maneira de obrigar os corpos a expressarem sua essência interdita. Ao pressupor que as pulsões têm objetivos anteriores a sua emergência na linguagem, Kristeva estaria subcrevendo, em suma, a função patriarcal¹⁵.

Em defesa de Kristeva, poder-se-ia retorquir que o que subjaz a toda essa crítica assacada contra a inteligência feminista francesa é a subscrição de

uma noção de “sistema sexo-gênero”, que simplesmente vai suprimir a noção de natureza, ou conjecturar o fim dela, no quadro de uma redefinição da sexualidade interessada em rasurar toda e qualquer distinção entre ambas as instâncias, para só admitir o gênero em sua performance, isto é, como de saída discursivo, histórico e aculturado. O que não é sem consequência. As performances de gênero passam assim a circunscrever toda a sexualidade e tornam-se uma questão de estilo. Escreve Butler, no capítulo “Atos corporais subversivos” de *Problemas de gênero*, que “a nomeação do sexo é um ato de coerção, um ato performativo institucionalizado, que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva”. E ainda que “o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo”. Antes disso, já havia escrito, no prefácio do livro, que a palavra “*trouble*”, de que lança mão, não precisa ter uma “valência negativa”¹⁶. É desse ângulo que se compreende o particular interesse da teórica pelas *drags*, que passam da “imitação de gênero” para a “dramatização” explícita. De modo que, se ela deplora as circunstâncias do homossexual miserável e performativamente caricato, de que se desprende uma “melancolia gay”, a política sexual pode ser “paródia”, palavra que entra no título e recorre na conclusão de *Gender trouble*, encabeçada pelo enunciado “Da paródia à política”. E de tal sorte que, finalmente, nada nesta resolução do “problema” genérico carrega a carga de um mal-estar mais arraigado que aquele radicado numa tomada de posição contra comportamentos ou performatividades instituídas que aparentam o gênero¹⁷.

É na contramão desse novo enquadramento – parece-nos – que se torna interessante tomar o “Eu nasci assim”. Hoje na boca de muitos LGBTQIA+, não é preciso que o enunciador dessa frase tornada uma espécie de mantra *queer* a pronuncie para que ela se deixe ouvir. Uma escuta atilada a verá insinuar-se sub-repticiamente, por exemplo,

14 J. Butler, *op. cit.*, p. 206-209.

15 J. Butler, *op. cit.*, p. 142-144.

16 J. Butler, *op. cit.*, p. 201.

17 J. Butler, *op. cit.*, p. 9-42.

»

*e se o corpo todo protético,
nesse sentido maquinal
e desencantado pela ciência,
quer-se todo próprio?*

na crônica da trajetória de um Paul Preciado, leitor de Foucault e de Butler. Afinal, como não a localizar na longa confidência de *Um apartamento em Urano*, se o relato que aí temos de tudo o que Beatriz sofreu na própria pele para transformar-se no rapaz que vemos agora é secundado pela sustentação do caráter voluntarioso e semântico da operação? Se a farmácia que viabiliza essa travessia, confessadamente hormonal, é ocultada sob o manto da revolta pessoal e de um novo discurso? E se o corpo todo protético, nesse sentido maquinal e desencantado pela ciência, quer-se todo próprio? É impossível não ver na produção da masculinidade viabilizada pelo tratamento a que esta lésbica espanhola se submeteu, para reaparecer como Beto, depois como Paul, a onipotência narcísica da criatura que quer coincidir com uma imagem adquirida do modelo do outro. Salta à vista, além do mais, que essa autogeração – que diríamos *farmacopornográfica*, citando o próprio Preciado, quando acusa a violência da medicina – só é levada a cabo para melhor se furtar. Dado o sujeito que fala de sua redesignação sexual no livro, como se não portasse gênero algum, nem destilasse a masculinidade artificiosa da sociedade “tecnopatriarcal” que é o primeiro a combater.

É na mesma linha que vai a hoje amiga de Preciado, no passado o par de Beatriz, e prefaciadora de *Um apartamento em Urano*, a romancista e cineasta francesa Virginie Despentes, outra voz do não binário, que é a primeira a pensar que a garota que se internou num hospital para mudar



*quis-se aqui voltar a Freud
para notar que, se a sexualidade
não se esgota na anatomia,
tampouco se esgota na palavra.
Se assim não fosse, o homem
freudiano não seria trágico*

50

PERCURSO 68 : junho de 2022

de sexo não se estabeleceu em situação alguma: “Você não muda, você se move, mas não muda, estabelecer-se não lhe interessa”, diz ela na apresentação do livro¹⁸. Ficam assim obliterados pela movência não somente as diligências clínicas mas a própria índole médico-legal da travessia, já que, além da redesignação fisiológica obtida com tratamento hormonal, a confiança desta viagem sexual levada a termo culmina com a narração das dificuldades de Beatriz para obter novos documentos em cartório, relatadas pelo cronista que supostamente já não é mais ela. Associe-se a tudo isso a evocação de Preciado, em *Testo Junkie*, de um “farmacopoder” libertador, aí oposto ao que o autor chama “tecnogênero”, em nome da ambiguidade do fármaco, que é ao mesmo tempo remédio e veneno, o que lhe permite continuar sonhando com uma inversão hormonal, de repente, não mais sob o controle da medicina pornográfica¹⁹.

O ponto de inflexão aqui é: deve haver algo mais nessa reconversão que unicamente a prerrogativa de liberdade de um trânsito do gênero vivendo em outro planeta. Dito de outro modo: os acontecimentos em tela não devem ser assim tão epistemológicos a ponto de rasurar a farmácia e a tecnologia que os cercam. Senão, vejam-se estes extratos do diário do autor, tomados livremente numa sequência da Introdução: “Diziam de mim que eu era lésbica”; “No meu caso, a travessia começou em 2004 quando comecei a tomar pequenas doses de testosterona”; “À medida que as doses de testosterona aumentavam as mudanças

ficavam mais intensas”; “Meu novo nome foi publicado, como exige a legislação espanhola”; “A partir de dezembro de 2016 é Paul B. quem assina”²⁰. Há algo de maroto nessa menção a exigências inescapáveis de ordem burocrática externa que acompanham a menção a injeções drogantes de testosterona capazes, por sua vez, de se entranhar na corrente sanguínea para proporcionar o sexo que se almeja.

A título de conclusão

Quis-se aqui voltar a Freud para notar que, se a sexualidade não se esgota na anatomia, tampouco se esgota na palavra. Se assim não fosse, o homem freudiano não seria trágico. Os artistas sempre souberam de alguma coisa sobre isso, como insiste Freud. Cumpre dizer que outras ondas feministas menos *enragées* e mais sensíveis à elegância da equação freudiana também souberam reencontrar nas artes algo da dupla natureza que aflora em nossos inconscientes. Em sua refinada leitura de *Os Pássaros* de Hitchcock – cineasta de que Ismail Xavier nos diz estar na passagem à psicanálise²¹ –, Camille Paglia elabora um instigante nexos entre hecatombe natural e erotismo. Em sua afiada leitura do filme, o casaco de pele animal da protagonista e os *love birds* que carrega até o litoral da Califórnia em que se passa a ação são vistos como continuação indicial de forças sexuais primitivas nunca completamente subjugadas, que são representadas pela mulher, também quando ela chega a Bodega Bay com a testa sangrando, porque foi bicada por uma gaiivota. O aceno é de sangue. Vindo da Londres que acolheu Freud fugido do nazismo e se tornou a sede da psicanálise exilada, Hitchcock sabia alguma coisa da parte do horror do sangue que dispara o corpo da mulher. Por outro lado, como percebe Paglia, ele também sabia algo da sedução feminina que se despreza de sua elegância performática da personagem sendo ela uma virago hitchcockiana dominadora típica. Uma dessas dominadoras de

que o próprio Hitchcock diz a François Truffaut, no *Hitchcock Truffaut*, que é um homem²². Digna dos requintes intelectuais do realizador que apaixonou os Cahiers du Cinéma e a Nouvelle Vague, corpo e alma se fundem nesta nota crítica de uma teórica de gênero, ela também sensível aos poderes do horror: “A mulher é o corvo, seus saltos agulha são as garras da natureza voraz. A carteira de couro preto de Melanie é extraordinariamente longa e estreita, como o estojo de uma carabina fállica”²³.

Os onipotentes da autodeterminação, que supostamente desejam o que querem e vice-versa, e autorizados pela biopolítica tudo põem na opressão das sociedades de controle, fazem *tabula rasa* do tempo que não passa. Isto é, de uma outra cronologia não datada, e de seus rastros. Dito de outro modo, de uma história sincrônica, ou história das ressurgências, que é a aquela que permite à psicanálise filogenética saltar das hordas primitivas para Édipo, e de Édipo para Hamlet, inscrevendo a morte no horizonte do amor. Já que, em última instância, para Freud, é

»
“a mulher é o corvo, seus saltos agulha são as garras da natureza voraz. A carteira de couro preto de Melanie é extraordinariamente longa e estreita, como o estojo de uma carabina fállica”

[F. Truffaut]

a morte que mais reina, extinguindo o desejo e suas eternas figurações. Ora, a morte está na Natureza. Assim como a vida. É do que fala Kristeva, na era da inseminação artificial e da família homoparental, evocando a paixão maternal para ousar tratá-la assim: “Se a maternidade é uma das paixões mais dramáticas e extraordinárias que existem, isso é exatamente por se situar nas fronteiras da biologia e do sentido, da origem e da alteridade, da matriz e da adoção”²⁴.

18 P. Preciado, *Um apartamento em Urano*, p. 15.

19 P. Preciado, *Testo Junkie sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*.

20 P. Preciado, *Um apartamento em Urano*, p. 23-26.

21 I. Xavier, *O olhar e a cena*, p. 83.

22 F. Truffaut, *Hitchcock Truffaut*, p. 18.

23 C. Paglia, *Os pássaros*, p. 27.

24 J. Kristeva, *Poderes do horror*, p. 56.

Referências bibliográficas

- Beauvoir S. (1976). *Le second sexe I, II*. Paris: Gallimard. Col. Folio Essais.
- Butler J. (2019). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Sup. Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Einstein A. (1981). *Como vejo o mundo*. Trad. Mein Weibild. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud S. (2016). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor 1). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* VL. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. O tabu da virgindade. (*Contribuições à psicologia do amor 3*).
- _____. Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Kristeva J. (1987). *No princípio era o amor. Psicanálise e Fé*. Trad. Leda Tenório da Motta. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1980). *Pouvoirs de l'horreur. Essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (2019). *Beauvoir Presente*. Trad. Edgar Assis Carvalho. São Paulo: Ed. SESC.
- Paglia C. (1999). *Os pássaros*. Trad. Jussara Simões. Rio de Janeiro: Rocco.
- Preciado P.B. (2020). *Um apartamento em Urano. Crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2014). *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições.
- _____. (2018). *Testo Junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.
- Souza P.C. (1999). *As palavras de Freud. O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática.
- Truffaut F. (1993). *Hitchcock Truffaut*. Paris: Gallimard.
- Xavier I. (2003). *O olhar e a cena*. São Paulo: Cosac & Naify.

The phallus and the lack: Notes on sexual reassignments, hormonal interventions and pain without a subject

Abstract In the era of phalloplasties, hormone cocktails and silicone prostheses, Freud's note, in one of his Contributions to the Psychology of Love, about anatomy as destiny becomes current. In fact, if the Freudian equation recognizes the force of nature, which makes us born male, female or, if there is a genetic error, a hermaphrodite, in order to dream of a psychic personality, without the phallus being a male privilege, or the lack of a female, it is worth rethinking the phrase that transsexual activism began to formulate, as if innocently: "I was born this way". The formula reverses the built into false naturalness. It is a matter of emphasizing here that such procedures, crossed by pharmaco-medical technologies, are aligned with the disarming of the pathological categorization of clinical-therapeutic devices by certain post philosophies, turned against the old topics of return to the Self and design of nature of Metaphysics. While perhaps more subtle gender theories point out that we are born male or female and only then do we become such, or not. "We are born a woman but I become a woman": thus, as a psychoanalyst, Julia Kristeva restores the Beauvoirian complication.

Keywords transsexuality; sexual diversity; sex-gender system; Kristeva.

Texto recebido: 04/2022

Aprovado: 05/2022